

Neutralidade na Terapia CranioSacral – Upledger

por Tad Wanveer em Junho/2022

Tradução de Upledger Brasil em Setembro/2022

Um dos pilares da Terapia CranioSacral (TCS) de Upledger é a crença de que a sabedoria sobre a melhor maneira de ajudar alguém reside dentro do cliente, em vez de dentro do terapeuta. No lugar de usar agendas pré-determinadas, o terapeuta usa técnicas desenvolvidas para apoiar o cliente no uso dos seus próprios processos naturais e da sua sabedoria inerente, para chegar a um melhor estado de saúde e bem-estar. A neutralidade é essencial nesta abordagem dirigida pelo cliente e orientada aos seus próprios processos. A neutralidade permite a descoberta, momento-a-momento, e o uso de caminhos e meios de mudanças que são únicos a cada cliente.

O conceito da neutralidade terapêutica, também conhecida como “neutro” na TCS, possui três aspectos: 1) o estado interno do terapeuta, 2) a relação cliente - terapeuta, e 3) o processo terapêutico. Esses aspectos são discutidos a seguir, junto com a importância de o terapeuta incorporar a neutralidade.

O estado interno do terapeuta

A neutralidade do terapeuta é um estado interno físico, emocional e energético de receptividade e ação equilibrados. É como se o terapeuta fosse uma bússola e o cliente fosse um campo magnético, e esse campo representa o cliente como um todo. O campo move a agulha da bússola para mostrar ao terapeuta qual a direção para melhor apoiar os processos naturais autorregulatórios e auto curativos do cliente. Em outras palavras, o cliente foca e molda a atenção do terapeuta para a melhor maneira de facilitar o seu próprio trabalho interno (do cliente). Desta maneira, durante uma sessão, as crenças, expectativas, atitudes e experiências anteriores do terapeuta se acalmam no fundo da consciência, enquanto a orientação do cliente, chamada de Médico Interno (MI), está em primeiro plano e liderando o processo.

A relação cliente - terapeuta

O conceito de Médico Interno (MI) é baseado em alguns fundamentos da TCS, como:

- inerente dentro de cada ser humano e todos os sistemas biológicos vivos sendo considerados processos naturais adaptáveis que contribuem para sua sobrevivência, funcionamento e autocura;
- dentro de cada pessoa há um entendimento sobre cada um de seus problemas de saúde e como melhor resolvê-los, que é o Médico Interno (John E. Upledger 1999, 2003);
- o terapeuta facilita a autocura do cliente comunicando-se com e sendo guiado pelo Médico Interno, verbal ou não-verbalmente, consciente ou não-conscientemente, para melhor facilitar os processos naturais do cliente (John E. Upledger 1999);

- o MI é a voz da sabedoria, a parte dentro de todos nós que mantém a consciência do nosso estado interno e das condições externas;
- o terapeuta se libera de presunções e se funde com o cliente através do toque e de outros sentidos para escutar, seguir e apoiar as diretrizes do MI do cliente (John E. Upledger 2009).

Neste sentido, a relação cliente-terapeuta requer neutralidade da parte do terapeuta, pois o processo é conduzido pelo MI do cliente e não pela agenda do terapeuta.

O processo terapêutico

O processo terapêutico é definido dentro da intenção geral de facilitar o processo autocorretivo do cliente, baseado nos fundamentos da TCS como mencionados acima e aplicando as técnicas da Terapia CranioSacral (TCS). As técnicas são divididas em três categorias: aquelas usadas somente para avaliação, aquelas com um objetivo definido (intenção principal) focadas principalmente na redução de padrões de lesões estruturais e energéticas, e aquelas com o objetivo principal de apoiar um processo menos estruturado, ou seja, processos abertos.

Técnicas avaliativas incluem os Pontos de Ausculta do ritmo craniosacral, Arqueamento e Deslizamento de Fásia. Técnicas com objetivos definidos são o Protocolo de 10-Passos, a Indução de *Still-Point*, as técnicas específicas para reduzir lesões esfenobasilares, as técnicas intraorais dos Protocolos de boca da TCS, a Liberação Regional de Tecidos, as técnicas para lidar com segmentos facilitados, para equilibrar os chakras e meridianos, para realinhar vetores e as técnicas de Direcionamento de Energia e de Liberação de Cistos Energéticos. Técnicas com objetivos abertos são a Liberação SomatoEmocional (LSE) e as técnicas de Imagens Terapêuticas & Diálogo.

Frequentemente há uma sobreposição das categorias de técnicas. Por exemplo: técnicas com objetivos definidos começam com uma fase avaliativa, que levam a uma fase ativa de facilitação da autocorreção, e, em algum momento do trabalho, surge uma LSE.

Em todas as técnicas há o requisito de uma abordagem neutra ao processo terapêutico, que é uma combinação de escutar, sentir e apoiar os distintos padrões e respostas do tecido corporal do cliente, sem ideias pré-concebidas de como ou quando o tecido irá responder; uma atenção aberta para com a pessoa como um todo, sem tendências ou julgamentos; e seguir, de momento-a-momento as diretrizes da sabedoria interna do cliente, ou seja, do MI, aceitando o processo individual de cada cliente e seus resultados.

A importância de o/a terapeuta incorporar neutralidade

Neutralidade é um estado quieto, silencioso, consciente, centrado, compassivo e receptivo do terapeuta. Também é um estado ativo pelo qual o terapeuta se relaciona

com um cliente e se alinha, é guiado e segue a sabedoria interna única daquele cliente. Na TCS a relação cliente-terapeuta é expressa por “fundir com o cliente”.

O fundir começa com a neutralidade de aceitar, sem julgamento de qualquer aspecto do cliente como um todo. Isso inclui aceitar e cuidar do desejo do cliente por algum resultado específico. Neutralidade permite que o terapeuta veja os objetivos do cliente como um dos aspectos de todo o ser do cliente, ao invés de usar os objetivos do cliente para montar um plano pré-concebido de como alcançar esses objetivos. Por exemplo: Mary Ellen Clark era uma especialista em saltos aquáticos de plataforma que ganhou medalhas de bronze nessa categoria nas Olimpíadas de 1992 e 1996. Durante seus treinos para as Olimpíadas de 1996, ela desenvolveu uma vertigem que drasticamente atrapalhou seu treinamento. Ela tentou várias terapias diferentes, mas nenhuma ajudou, até que Dr. Upledger a tratou. No artigo *"An Olympic Comeback"* (Um Retorno Olímpico) - Lyttle 1996, Dr. Upledger compartilhou que o sintoma da Mary Ellen Clark era vertigem, mas que o problema teve origem em uma lesão antiga de joelho e tornozelo, que causou uma tensão e restrição na pelve, subindo a coluna vertebral e sendo transmitida para o seu cérebro. Ao mobilizar o joelho e o tornozelo, o equilíbrio de Mary Ellen foi restaurado e ela pôde retomar o cronograma completo de treinamentos, conseguindo conquistar a medalha de bronze em 1996.

No caso de Mary Ellen, a causa da vertigem vinha do joelho e do tornozelo, mas o efeito era no cérebro, que se manifestou como vertigem. Quantas pessoas com vertigem, ou qualquer outro problema, têm exatamente as mesmas nuances de padrões e históricos de causa e efeito? Me arrisco a dizer que nenhuma. Neutralidade libera o terapeuta das presunções e abordagens pré-programadas, para poder ver, sentir, aceitar e apoiar o cliente como um indivíduo único.

O oposto de neutralidade é uma abordagem na qual o terapeuta presume saber a causa provável de um problema específico (sintoma/patologia) e usar ideias pré-concebidas ou “agendas” para lidar com a causa. O que teria acontecido se Dr. Upledger seguisse tal abordagem e focasse só no cérebro e no sistema vestibular (equilíbrio) da Mary Ellen Clark, em vez de usar uma abordagem neutra da pessoa como um todo? A causa real talvez nunca tivesse sido descoberta.

Causas que contribuem para os sintomas de um cliente têm múltiplas camadas, estão interligadas e envolvem a pessoa toda. Devido à complexidade, é essencial que o terapeuta incorpore neutralidade e aborde o cliente como um indivíduo, diferente de qualquer outra pessoa, com seu próprio e único caminho à autocorreção. O caminho é do cliente e não é traçado e nem guiado pelo terapeuta. O papel do terapeuta é facilitar o processo do cliente e aceitar que, qualquer que seja o caminho, este é guiado pela natureza única do cliente, mesmo que essa jornada pareça misteriosa, tortuosa, confusa, resistente, errática, irregular, ou que tenha pausado.

RESUMO

A Neutralidade enquadra o contexto cliente-terapeuta em um respeito profundo, de coração aberto, pela natureza única de cada pessoa. Ela cultiva uma relação ativa onde os processos naturais do cliente e a sua sabedoria interna guiam o processo terapêutico. Algumas qualidades de neutralidade são o respeito, a aceitação, a confiança, o “estar aberto”, o seguir das diretrizes do MI de momento-a-momento e do processo do cliente, seja ele qual for; ver o cliente na sua totalidade inclui todos os aspectos da pessoa; adotar um estado terapêutico que é equilibrado física, emocional e energeticamente, sem-julgamentos, sem tendências e sem “agendas” pré-concebidas; facilitar o processo do cliente aceitando o resultado como um passo no caminho único de autocura do cliente.

Referências:

John E. Upledger, DO, OMM. *Cell Talk – Conversando com as Células*. Upledger Brasil Editora.
John E. Upledger, DO, OMM. *Upledger Institute International Credo*. UII. 1998.
John E. Upledger, DO, OMM. *When the Inner Physician Speaks, I Listen*. In *Massage Today*.
An Olympic comeback. Lyttle, Jeff. *Columbus Monthly*. 1996.